

Funai inicia contato com korubos

Ulisses Capozoli
Agência Estado

BOA VISTA (AE) — Após tentativas frustradas, o sertanista Sidney Possuelo, da Funai, conseguiu atrair neste final de semana o principal grupo de índios, isolados no vale do rio Javari na Amazônia Ocidental, na fronteira com o Peru. Os korubos, o grupo contatado por Possuelo, recolheu os presentes típicos desses encontros: panela de alumínio, facas e machados.

Agora, Possuelo e um pequeno grupo de auxiliares estão tratando de consolidar o contato, eliminando o risco de uma reação imprevisível dos korubos, que devem ter perto de 150 índios, ainda que estatísticas vagas avaliem que eles podem ser uma população entre 200 e 2 mil índios.

Pouco antes do contato, Possuelo disse que sua missão é assegurar a sobrevivência dos korubos. Eles vêm tendo choques com

garimpeiros, pescadores e especialmente madeireiros, que invadem a região em busca do mogno e cedro. A Amazônia não tem a mesma riqueza que outras regiões em mogno, uma das madeiras mais cobiçadas no mercado nacional e internacional. Na Amazônia, para má sorte dos korubos é pelo menos quatro outros grupos isolados, ela se encontra na bacia do rio Javari.

A demarcação do território indígena do Javari, de 8,33 milhões de hectares, pode levar ao colapso a indústria madeireira que se estabeleceu na região, principalmente nas cidades de Atalaia do Norte e Benjamin Constant. As terras do Javari estão apenas identificadas como território indígena e devem ser delimitadas antes de serem finalmente demarcadas. O sertanista e chefe da administração da Funai em Tabatinga, Walmir de Barros Torres, disse que o grupo de Possuelo está concluindo a construção de um

flutuante - uma casa de madeira sobre balsa para dar apoio à consolidação do contato com os arredios korubos.

Tabatinga fica às margens do Solimões, rio que, com as águas do Negro, forma o rio Amazonas.

A história desses índios até agora não permite que sequer o nome atribuído a eles - korubos - seja correto. É possível que o nome verdadeiro seja kamiwá, segundo o administrador local da Funai. O que se sabe com certeza é que há décadas os korubos vêm sendo incomodados e mortos por brancos que invadem suas terras em busca de seringa, peixes e mais recentemente, palmito e madeira.

O peixe inclusive é contrabandeado para o Peru e Colômbia, segundo já denunciou o sertanista Sílvio Cavilen. Também a madeira é em boa parte exportada depois de as toras descerem pelos rios até Manaus e ali serem Co crescimento da explora ilegal, os

chen brancos e índios estão aumentando. Valmir Barros Torres diz que os índios estão servindo de alvo para disparos de armas de fogo dos invasores de suas terras.

O administrador da Funai sabe bem do que está falando. Ele já foi perseguido pelos korubos em companhia de um outro sertanista, Jaime Pimentel, no final de 1975. Torres escapou, mas Pimentel foi alcançado e morto pelos índios. Com a morte de Pimentel foi desativado um posto provisório, montado pela Funai para tentar estabelecer contato com os korubos. Em fevereiro de 75, os korubos, em número de 200 índios, se apresentaram hostis num contato à distância, armados de flechas e bordunas. Mas subitamente mudaram de atitude. Eles exibiram cachos de bananas e animais como macacos e mutuns e acenaram para os sertanistas se aproximarem. Mas, novamente mudaram de atitude e fizeram sinais de que cortariam suas cabeças.

Acervo
18/10/96
33